

## CORPO BIOGRÁFICO, PERFORMANCE E FORMAÇÃO DOCENTE

ELÝ ZABÉT SELVA SELVEIRA<sup>1</sup>; ANDRISA KEMEL ZANELLA<sup>2</sup>; CAROLINE TERRA DE OLIVEIRA<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – elizabeate@hotmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – andrisa.kemel@ufpel.edu.br)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – caroline.terraoliveira@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho, resultado de minha pesquisa de mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Educação, comprehende que as artes, e em especial a performance, constituem não apenas linguagens estéticas, mas também campos de disputa política, memória coletiva e afirmação cultural. Desse modo, este trabalho se apoia em Diana Taylor (2013), que amplia o conceito de performance ao propor a distinção entre “arquivo” e “repertório”: enquanto o arquivo preserva registros materiais, o repertório guarda práticas corporais, gestos, danças e performances transmitidas no tempo.

Assim, o objetivo deste trabalho é refletir sobre o encontro entre minha pesquisa e a disciplina ofertada no S.A., “Corpo e (Auto)Biografia na Formação Humana de Professores(as): Sentidos e Representações à Luz dos Estudos do Imaginário”, cuja ementa propõe “estudos teórico-práticos sobre o corpo biográfico e seus desdobramentos na formação humana de professores(as), evidenciando o repertório biográfico como ponto de partida para uma prática pedagógica criativa, à luz dos estudos do Imaginário”, *buscando aproximar o corpo biográfico do corpo performático, meu objeto de estudo.*

### 2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para esse trabalho está focada no encontro da minha pesquisa com a disciplina citada. O corpo biográfico e o corpo performático se encontram no campo da experiência encarnada, onde gesto, memória e imaginação se entrelaçam para produzir sentidos. Ambos partem da compreensão de que o corpo não é apenas uma estrutura anatômica, mas um território simbólico, um lugar de inscrições afetivas, sociais, políticas e históricas. Se o corpo biográfico é aquele que carrega e expressa a história vivida do sujeito, o corpo performático é o corpo em ação, em presença, que atualiza essas memórias em cena e na vida. Dessa forma, analisarei as atividades vividas em sala de aula em seguimento do livro *O Corpo biográfico na educação: um estudo a partir do imaginário e da memória* de autoria de Andrisa Kemel Zanella e Lúcia Maria Vaz Peres (2015).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma das atividades vivenciada na disciplina partiu dos sentidos do paladar, do olfato e da audição e nos convidou diretamente ao campo da memória afetiva e do imaginário sensível. Vendados e distribuídos em cada canto da sala de aula, fomos conduzidos por cheiros como o do amaciante de roupas, da naftalina, também induzidos ao gosto de balas/jujubas, e a sons do imaginário coletivo brasileiro, como a vinheta do Plantão da Globo, que evocaram lembranças íntimas, familiares, domésticas. Esse exercício possibilitou a percepção de como os sentidos guardam narrativas inscritas no corpo, ativando lembranças que talvez não se atualizassem sem esse estímulo. Ao sentir o cheiro de naftalina, por exemplo, fui transportado para inúmeros lugares como na velocidade da luz. Acredito que a turma toda foi transportada a um passado que no nosso corpo também se torna presente. O corpo, ao reagir a esses estímulos, não estava apenas reconhecendo um cheiro, um gosto ou um som, mas reatualizando uma inscrição biográfica que permanece viva.

A partir dessa experiência sensorial, foi sugerido montar uma cena corporal com os colegas, o que significou tecer narrativas a partir da memória encarnada. Essa criação coletiva é um exemplo do que Zanella e Peres (2015) chamam de biografização: o gesto e a cena como linguagens para atualizar e compartilhar o vivido. Assim, o cheiro, o gosto e o som não são apenas estímulos, mas portais de memória que permitem ao corpo biográfico se expressar no espaço.

Outra atividade vivenciada foi transformar a sala de aula em um espaço de jogos e brincadeiras de infância - como amarelinha, corda, taco, bola, folhas para desenhar. Essa atividade operou como um ritual de retorno à infância. Esses jogos ativaram gestos que já estavam inscritos em nossos corpos, como pular corda ou brincar de amarelinha. Não foi preciso ensinar novamente esses movimentos: eles emergiram de nossas memórias corporais, confirmado o que Zanella e Peres (2015) chama de “memória do corpo”, a soma de experiências que se manifestam como repertório expressivo no presente.

Essa atividade permitiu perceber como o corpo guarda uma dimensão lúdica e coletiva que permanece mesmo na fase adulta. Ao brincar, resgatamos não apenas lembranças individuais, mas também a experiência comunitária da infância: o estar junto, a partilha, a regra do jogo, a invenção de brincadeiras. Nessa perspectiva, o corpo biográfico se mostra não apenas como arquivo individual, mas também coletivo, onde memórias sociais e culturais se cruzam.

Zanella e Peres (2015) ressaltam que a biografização não é apenas um exercício individual, mas também coletivo e pedagógico. Ao brincar, estávamos não só revisitando nossas infâncias particulares, mas constituindo uma cena comum onde o corpo de cada um de nós se reconhecia na memória do outro. Ao refletir sobre ambas as atividades, percebo como se manifesta aquilo que Joso (2004), citada por Zanella, chama de “corpo-habitáculo”: o corpo como espaço onde experiências, memórias e histórias habitam. O cheiro do amaciante, o gosto da bala, o gesto de pular corda ou de jogar taco não são meramente estímulos externos, mas acessos ao que o corpo já guarda como marcas vivas.

Essas práticas tornam evidente que o corpo não é um receptor passivo da educação, mas um produtor de saberes, que fala através do gesto, do silêncio, da sensação. Isso rompe com a lógica tradicional da pedagogia centrada na palavra e no intelecto, e se aproxima do que Zanella e Peres (2015) propõem: uma formação encarnada, que legitime o corpo como campo epistemológico. Além disso, ao transformar essas memórias em cena, percebemos que o corpo biográfico se transporta para a atualidade. Ele não apenas guarda, mas atualiza sua memória no presente, diante dos outros, transformando lembrança em presença, memória em gesto.

TAYLOR (2013) argumenta que o repertório “vive nas ações, gestos, expressões e movimentos transmitidos de corpo em corpo”. Essa definição dialoga diretamente com a ideia de corpo biográfico, pois as marcas inscritas no corpo não permanecem apenas como lembrança, mas se tornam matéria performativa quando são atualizadas em cena ou em situações pedagógicas.

#### **4. CONCLUSÕES**

A partir dessas atividades práticas, comprehendo de maneira mais nítida o sentido do que Zanella e Peres chamam de “memória do corpo”. As atividades propostas pelos colegas mostraram que o corpo é capaz de evocar experiências profundas, muitas vezes esquecidas pela mente racional, mas inscritas no corpo como memória sensível. Essas experiências práticas confirmam o valor do corpo biográfico na formação docente: reconhecer que cada professor e cada estudante traz em seu corpo uma biografia que não pode ser ignorada, mas que pode se tornar fonte criativa de aprendizagem e de partilha. Ao acessar essas memórias e transformá-las em gesto produzimos um saber que é ao mesmo tempo pedagógico.

ZANELLA e PERES (2015) afirmam que “gestos trazem vestígios das experiências que foram significativas no decorrer do trajeto formativo e que deixaram registros no corpo do indivíduo” (p. 21). O corpo guarda vestígios de tudo aquilo que nos formou. Ao trazer esses vestígios à tona por meio do jogo, do cheiro, do sabor e da cena, aprendemos a olhar o corpo não apenas como instrumento, mas como habitáculo de nossa própria história - uma história que pode ser dita, encenada e ensinada. Assim, corpo biográfico e repertório se encontram na dimensão do presente vivido, em que a memória deixa de ser estática e se torna ato, experiência e partilha.

O encontro com a disciplina me trouxe um outro caminho potente que foi aproximar essa relação da perspectiva contracolonial de Nego Bispo (2023). O corpo como território contracolonial nos convida a pensar a terra como corpo e o corpo como território que guarda saberes ancestrais. Em *A terra dá, a terra quer* (2023), ele nos diz que “nossos corpos são bibliotecas vivas” e que o conhecimento não está apenas nos livros, mas circula pela oralidade, no gesto, no tempo da natureza. Para Bispo (2023), a memória do corpo está enraizada na terra e nos modos de vida coletivos que resistem a colonialidade.

O corpo, assim como a terra, guarda histórias, sofre feridas, carrega saberes e também exige respeito. A pedagogia que Bispo propõe não parte da sala de aula, mas do terreiro, da mata, da roda de conversa, da prática cotidiana comunitária e

do tempo circular da natureza. “A terra dá, mas a terra também quer”, diz ele – ou seja, toda relação de aprendizado deve ser recíproca, com responsabilidade, presença e cuidado.

O corpo biográfico de determinados corpos carrega consigo memórias que foram historicamente silenciadas, especialmente nos corpos racializados, indígenas, LGBTQIAP+ e periféricos. A performance, nesse contexto, não apenas reconecta essas memórias no tempo espaço, mas reivindica espaços de fala e visibilidade, transformando o corpo em instrumento de resistência e resgate a outros caminhos memoriais do corpo.

Essa compreensão rompe com a pedagogia tradicional, centrada na palavra, e abre espaço para uma formação encarnada, que reconhece o corpo como produtor de saberes. Nesse sentido, aproximar o corpo biográfico do corpo performático é também recuperar uma pedagogia do sagrado, onde corpo, mito e memória se entrelaçam em saberes outros – sensíveis, simbólicos e encarnados.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**Bispo dos Santos, Antônio;** A terra dá, a terra quer / Antônio Bispo dos Santos; imagens de Santídio Pereira; texto de orelha de Malcom Ferdinand. São Paulo: Ubu Editora/ PISEAGRAMA, 2023. 112 pp.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório:** performance e memória cultural nas Américas. Tradução de Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

ZANELLA, Andrisa Kemel; PERES, Lúcia Maria Vaz. **O Corpo biográfico na educação:** um estudo a partir do imaginário e da memória. Saarbrücken, Deutschland: Novas Edições Acadêmicas, 2015.